

Centralidade de um cosmopolitismo periférico: a “Coleção Grandes Cientistas Sociais” no espaço das ciências sociais brasileiras (1978-1990)

Recebido: 19.01.17

Aprovado: 19.08.17

Lidiane Soares Rodrigues*

* Lidiane Soares Rodrigues é professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, Brasil. Orcid nº 0000-0003-2011-9888. <lidianesrgues@gmail.com>.

Resumo: A investigação a respeito da circulação internacional dos saberes tem mostrado que os países dominados no espaço econômico e político se inclinam à prática importação de bens dos países dominantes também no plano simbólico. Contudo, eles não o fazem, passiva ou aleatoriamente; mas segundo princípios estruturantes de seu próprio mercado cultural interno. Ao adotar esta perspectiva, o presente trabalho tratará da “Coleção Grandes Cientistas Sociais”, publicada pela editora Ática, entre 1978 e 1990, e coordenada pelo sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995). O artigo descreverá a coleção, fará uma sociogênese da editora, caracterizará as negociações prévias à escolha de autores para compô-la e, finalmente, situará os agentes envolvidos no espaço das ciências sociais brasileiras, reconfigurado durante a década de 1970.

Palavras-chave: Ciências sociais brasileiras. Circulação internacional. Florestan Fernandes. Coleções didáticas. Editoras.

The centrality of a peripheral cosmopolitanism: the “Collection of Great Social Scientists” in Brazilian social sciences (1978-1990)

Abstract: Research on the international circulation of knowledge has shown that countries dominated in the economic and political space are prone to the practice of importing goods from dominant countries also on a symbolic level. However, they do not do this, passively or randomly; but according to structuring principles of its own internal cultural market. Adopting this perspective, the present work will deal with the “Collection Great Social Scientists”, published by the “Ática” publisher, between 1978 and 1990, and coordinated by the sociologist Florestan Fernandes (1920-1995). The article will describe the collection, make a sociogenesis of the publisher, characterize the negotiations prior to the authors’ choice to compose it, and, finally, situate the agents involved in the space of Brazilian Social Sciences, reconfigured during the 1970s.

Keywords: Brazilian social sciences. International circulation. Florestan Fernandes. Didactic collections. Publishing.

Introdução

A circulação internacional de bens culturais reproduz as assimetrias geopolíticas entre os países, assumindo feições particulares, marcadas pelas especificidades das práticas simbólicas, irredutíveis a diferenças de riqueza econômica e poderes políticos (Sapiro, 2013; Wallerstein, 2009; Gingras, 2002; Heilbronn, 2008; Casanova, 2002). Se os países dominados no espaço global se inclinam à importação de bens, eles não o fazem passiva ou aleatoriamente. São os princípios estruturantes de seu mercado interno que orientam esta prática (Pontes, 1995; Peixoto, 1989). Neste sentido, o intercâmbio global é duplamente condicionado, e os critérios seletivos dos polos exportador-importador são indissociáveis das respectivas tradições culturais e científicas, assim como do valor das mesmas no campo global.

1. São numerosas as escolhas efetuadas pelos mediadores do processo que vai da introdução de um autor estrangeiro no mercado de leituras até sua – eventual – transformação em clássico:

a. seleção (de livros/excertos);

b. tradução linguística e cultural (cujo valor associa-se à reputação da casa editorial, do tradutor da língua, da relação dos comentador(es) com a obra/autor e o país estrangeiro;

c. demarcação classificatória disciplinar (ou trans/inter/multidisciplinar), por meio de vários tipos de paratextos, prefácios, resenhas (Genette, 2009);

d. negociação, a cada um dos passos anteriores, com os pares (aliados e concorrentes ativos na recepção) e clientela (de leitores) (Sapiro, 2014; Sora, 2014; Bourdieu, 2002b; Burke & Hsia, 2009).

Um tipo interessante de importação-exportação consiste na introdução de um autor em certo domínio do saber praticado em um país estrangeiro (Pinto, 2002; Boltanski, 1975). As tomadas de posição implicadas nas operações práticas deste processo são condicionadas pelas posições dos agentes, somente inteligíveis nos quadros nacionais em que trabalham¹. Ao adotar esta perspectiva, o presente trabalho tratará da “Coleção Grandes Cientistas Sociais” (doravante, CGCS), coordenada por Florestan Fernandes (1920-1995) e publicada entre 1978 e 1990 pela Ática, editora com sede na cidade de São Paulo e de circulação nacional. Após descrever a coleção, a análise retomará as origens da editora e, em seguida, caracterizará o *modus operandi* da seleção autoral que resulta em seus “Grandes Cientistas” – pois o “elenco de autores” ofertado ao público não corresponde apenas às predileções do coordenador, é resultado de um processo de negociação entre ele e seus colaboradores. Finalmente, situará os agentes principais da CGCS no espaço das ciências sociais brasileiras, reconfigurado durante a década de 1970.

A “Coleção Grandes Cientistas Sociais”: autodefinição e morfologia

A coleção é composta por 60 volumes, cada um dedicado a (58) “Autores” diferentes. Os livros são classificados em sete “disciplinas fundamentais”: sociologia (18 “Autores”/volumes), política (14), economia (8), história (7); antropologia (5), psicologia (5), geografia (3). O conteúdo dos livros apresenta duas frações: uma na qual o(s) “Autor(es)” são “focalizados através de introdução crítica e biobibliográfica”, assinada por “especialistas da universidade brasileira”; a segunda, a apresentar “uma coletânea dos textos mais representativos de cada autor” (isto é: selecionados pelo

referido “especialista”). No texto introdutório, o “especialista” versa sobre a vida e a obra do “Autor” que intitula o volume, justifica os critérios que nortearam sua seleção dos excertos e apresenta uma bibliografia complementar. Na contracapa, na primeira página e no *folder* de propaganda para difusão nacional, os paratextos seguem um modelo fixo e apresentam os atributos – dos “Autores”, do coordenador e dos “especialistas” (ver Anexo 1). A palavra “autor” é grafada com maiúscula nos paratextos de vários volumes; as “disciplinas fundamentais” consistem em zonas fluidas de classificação dos “Autores”-volumes: se alguns são fundadores delas (sociologia/Durkheim, v. 1); numerosos suscitam interesse porque “não se limitou ao campo (disciplinar)” (economia/Keynes, v. 6); “superou estreitos limites tradicionais” (antropologia/Godelier, v.21); “sobrepuja os limites dessas especializações” (sociologia/Bastide, v. 37)². A coleção conta um coordenador, 60 volumes, 58 “Autores”, 56 “especialistas”³.

QUADRO 1
DISTRIBUIÇÃO DOS LANÇAMENTOS DOS TÍTULOS

Grandes Cientistas Sociais: ritmo de publicação (coleção x disciplinas na coleção)							
Ano de lançamento	Sociologia	Política	Economia	História	Antropologia	Psicologia	Geografia
1978	☞☞	☞	☞	☞	☞	☞	
1979	☞☞☞			☞☞	☞	☞	
1980	☞		☞				
1981	☞	☞☞☞☞	☞		☞		
1982	☞	☞☞☞☞☞	☞☞	☞		☞	
1983	☞☞☞	☞☞	☞	☞	☞		
1984	☞	☞☞	☞	☞	☞		☞
1985	☞☞☞			☞			☞
1986	☞☞☞	☞☞			☞	☞	
1986-1989							
1990			☞				☞

O ritmo da publicação evidencia alguns traços comerciais. A primeira edição dos volumes foi constante e pode-se inferir que fossem preparados em blocos, posto que lançados conjuntamente. Trata-se de uma indução de princípio de mercado adequada ao perfil da coleção. Dificilmente seu consumidor se interessaria por todos os volumes, salvo casos mais raros de praticantes de “coleccionismo”. Manter o consumidor alerta à coleção supunha o lançamento contínuo de novos trabalhos. No entanto, a regularidade do lançamento da CGCS não corresponde ao das disciplinas

2. As citações deste parágrafo foram retiradas de paratextos da CGS. As aspas indicam não apenas as citações, mas os princípios de entendimento e classificação próprios à coleção, tomados enquanto categorias próprias constituídas e compartilhadas pelas/nas diversas trocas e interesses que caracterizam o entrelaçamento dos agentes envolvidos na CGCS. É neste sentido também que a naturalização e essencialização da classificação disciplinar pelo inconsciente acadêmico (Charle, 2006 apud Clément, 2016) é recusada neste trabalho, a favor de uma perspectiva relacional e histórica, na esteira de Abbott (2006), Heilbron (2003) Heilbron & Bokobza (2015).

3. O número de autores não coincide com o dos volumes, pois Karl Marx conta com três volumes (em sociologia, economia e história); e Friedrich Engels, com dois (em política e história, juntamente com Marx). O número de organizadores dos volumes também não coincide com 60, pois dez dentre eles preparam mais de um volume, cinco volumes são preparados por duplas, uma das quais organiza dois volumes.

no interior dela. A geografia é numericamente menos representada e foi inserida tardiamente; a política apresenta lançamentos acidentados: entre o primeiro e o segundo títulos, passaram-se quatro anos e, nesse ínterim, um bloco de lançamentos ocorreu sem sua presença. A volta à coleção é marcada por cinco volumes, de uma só vez, em 1982, ano em que são lançados dez títulos: façanha não realizada por qualquer outra área, sem, contudo, manter o ritmo. A sociologia é a mais numerosa e constante: não há um bloco de lançamentos em que ela não compareça com pelo menos um volume. Esta descrição sumária assinala o feito comercial da CGCS e também o quanto ela dependeu do capital social de Florestan Fernandes, acumulado na disciplina em que atuou institucionalmente por mais tempo e da qual seu nome é indissociável – a sociologia.

A gênese de um *ethos*: o curso da Editora Ática

4. A reconstituição que segue utiliza as aspas com intuito similar ao indicado acima. As informações foram retiradas das principais referências para a gênese da editora (Borelli, 1996; Paixão, 1996). Os termos classificatórios empregados por Fernando Paixão são particularmente significativos pois ele trabalhou na Ática entre 1972 e 2007, assim, seu entendimento se coaduna com o entrelaçamento aludido. Os grifos acima, e em todo o restante deste texto, são nossos; a notação “s/i” indica que não foram encontradas as informações.

5. Este trabalho empenha-se em desnaturalizar as categorias classificatórias dos agentes. A principal delas é precisamente “professor”. Eis o motivo de destacar a palavra com as aspas.

As origens da Editora Ática remontam à produção de apostilas escolares, com vistas ao barateamento de material didático e à facilitação da comunicação pedagógica entre professores e alunos com *handicap* cultural e escolar⁴. Em 1956, os irmãos Vasco Fernandes Dias (s/i) e Anderson Fernandes Dias (1932-1988), uniram-se a Antônio Narvaes Filho (s/i), colega do segundo na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), e fundaram o “Curso Madureza Santa Inês”. Os cursos de madureza eram destinados a pessoas que haviam interrompido o percurso regular dos estudos, desejavam retomá-lo e concluí-lo rapidamente. Tais cursos foram regulamentados pelo Estado brasileiro apenas em 1961. E, a partir de 1970, foram denominados “supletivos”. O material usado no “Madureza Santa Inês” era elaborado pelos professores, que aproveitavam a preparação das próprias aulas, impresso num mimeógrafo a álcool e distribuído no formato “apostilas”. Elas eram gratuitas, reduzindo os gastos dos alunos com livros. O aumento acelerado da clientela levou a modificações: adquiriu-se mimeógrafos modernos e contratou-se funcionários para manuseá-los. Em 1962, os sócios fundaram a Sociedade Editora Santa Inês Ltda. (Sesil), com o objetivo de aprimorar a confecção das apostilas, cujo negócio insinuava-se mais lucrativo que o curso supletivo. Em agosto de 1965, os sócios do “Madureza Santa Inês” fundaram a Editora Ática (doravante, Ática), sediada no bairro da Liberdade (Borelli, 1996; Paixão, 1996).

Como ocorre com os empresários de economias em crescimento frenético, o salto para a fatura industrial é marcado por uma aposta de risco – de cujo sucesso ou fracasso permanece inercialmente refém, do ponto de vista material e simbólico. No caso em questão, tratou-se de lançar no mercado a edição do *Estudo dirigido de português*, do “professor” Reinaldo Mathias Ferreira⁵. O livro era dividido em

duas partes: uma dedicada a explicações (teóricas) de gramática, outra composta por exercícios (práticos) de aplicação das lições. A chancela da “Comissão para o Livro Didático do Estado de São Paulo” e o sucesso de vendas transformaram o livro numa obra de referência: entre professores, para o ensino de língua portuguesa; e entre as editoras do ramo didático, para a elaboração de outras séries de “estudos dirigidos”. Durante a década de 1970, outros modelos de livros didáticos e paradidáticos da Ática, também inovadores em termos de estratégias de ensino, tornam-se modelares (Borelli, 1996; Paixão, 1996).

A Ática atravessou as fases de sedimentação material e construção de uma identidade no mercado editorial em ritmo vertiginoso. A fase híbrida e de transição – na qual convivem a fatura artesanal e a produção industrial – foi sucedida por uma sobreposição desta àquela. A ascensão fulminante corresponde ao padrão típico do capitalismo tardio e da “modernização conservadora” brasileiros – tanto do ângulo da produção quanto do consumo (Novais & Cardoso de Mello, 1998). Ademais, a empresa consiste num segmento particular do processo mais amplo de estabelecimento da indústria cultural em escala nacional, observado em outros domínios da produção de bens simbólicos – como o televisivo, o cinematográfico, o jornalístico. Concomitantemente, o setor terciário expandia-se e demandava mão de obra qualificada, impactando o crescimento da população escolarizada. Essa expansão é verificada em todos os níveis do sistema escolar e foi conduzida em diversas frentes tanto pelo capital privado como pelo público, associado ao estrangeiro (Ortiz, 2001; Miceli, 1984; 2005; Arruda, 2015).

A expansão do ensino naquela década colaborou para que o negócio de livros didáticos se tornasse altamente promissor, mas não garantiu o sucesso de seus empresários. A sintonia com os problemas da nova clientela estudantil seria o trunfo dos empreendimentos no ramo. Efetivamente, torna-se uma platitude, no caso do setor didático, afirmar que o público consumidor seja o principal indutor dos catálogos (Chartier, 1999). As sondagens de que se dispõe para o período assinalam o ingresso, em todos os níveis do sistema de ensino, de camadas sociais duplamente destituídas – de capital econômico e de capital escolar (Souza, 2008). Os professores conhecem as especificidades das maneiras de aprender e a conduta ambivalente com relação à cultura legítima das primeiras gerações de estudantes oriundos de camadas sociais pouco letradas ou excluídas da formalização escolar e das práticas correlatas a ela (Bourdieu, 2002a; 2003). Por este motivo, são agentes privilegiados na elaboração de estratégias pedagógicas dirigidas à clientela. Eles e seu “saber-fazer” foram os aliados principais da Ática, que os incorporou astutamente. A capacidade da editora em satisfazer as demandas específicas da referida clientela resultou da aliança com professores, tanto no nível básico como no ensino superior⁶.

6. Sublinhe-se o ritmo acelerado da acumulação dos capitais (econômico e simbólico), para tentar desnaturalizar esta dinâmica (que tende a nos parecer “normal”, posto que os casos de ascensão fulminante caracterizam um certo padrão do capitalismo periférico) e colocar acento em seus efeitos sobre o conteúdo e os projetos editoriais – tal como o fez Bourdieu (1999) para o caso francês. Nele, o ritmo de acumulação dos capitais foi, na fase constitutiva do campo editorial, inversa à que se observa no caso brasileiro.

Já foi constatada a centralidade que a editora adquiriu no ramo didático (Borelli, 1996), e o benefício que tirou da expansão do ensino no período (Aurélio, 2014). Torna-se possível, então, perceber os efeitos simbólicos desses feitos materiais, indissociáveis da dependência dos níveis primário e secundário do sistema escolar, das demandas discentes, dos interesses dos “professores”. O lastro das primeiras conquistas comerciais constituiu um *ethos* escolar, didático e professoral às práticas e aos valores da editora – tangíveis tanto nas publicações, sejam autodenominadas ou não “didáticas”, quanto na arquitetura de sua sede e nas formas de tratamento interpessoal. Em seu edifício-sede, o destaque é a espaçosa “sala dos professores”. Anderson Fernandes Dias (1932-1988), o mentor da passagem do “curso” à “editora”, era tratado diligente e honrosamente por todos como “professor Anderson”, muito embora fosse médico (Paixão, 1996: 238) – profissão mais valorizada fora deste ambiente.

Tratou-se de uma tripla conversão originária:

- a. a do capital econômico, acumulado no negócio do curso supletivo, convertido em investimento no ramo editorial;
- b. a do trabalho de preparação de aulas em apostilas gratuitas; e
- c. a deste material didático em livros.

São transformações de trabalho e de valor, mantendo constante a clientela preferencial: os alunos com *handicap* escolar e a necessidade de avançar rapidamente na retomada dos estudos e seus professores. Estas metamorfoses são a “história feita corpo” da Ática (Bourdieu, 2012: 75-107).

Ao eleger como leitor-alvo “estudantes universitários, professores e público interessado” (ver o Anexo 1, *folder*), seus livros não fogem a este *ethos*, mas o seguem de modo específico, incorporando a bifurcação cultural da qual sua clientela é portadora. Ela é dotada de boa vontade cultural, mas não das disposições atitudinais de manejo natural com a cultura legítima. O produto da Ática conseguirá ganhá-la à condição de ser, de fato, para ela: “claro”, “simples”, “introdutório”. Entretanto, sob pena de perda do valor simbólico, e da não satisfação daquela boa vontade cultural, também é preciso parecer corresponder aos padrões elevados de sofisticação intelectual. A necessidade de manter cativo o público-alvo – simultaneamente submisso à hierarquia e relativamente descrente dela, demandando facilitação do acesso ao patrimônio cultural e satisfação simbólica – introduziu uma clivagem estruturante na fatura editorial. Os modos de produzir e fazer circular os livros – capas, tipo de

letra, propagandas, paratextos, apresentação/perfil dos autores e dos mediadores – compõem fartos indícios disso. Vale indicá-lo na CGCS. Por um lado, ambicionam ungar-se – assim como os consumidores – dos atributos de nobreza das posições simbolicamente superiores na hierarquia simbólica – majoritariamente associados aos “Autores” (ver Anexo 1, paratexto da contracapa, v. 34). Por outro, valorizam atitudes escolares, em geral associadas ao “especialista”: “introdução clara e didática”, para oferecer “parâmetros básicos”; expõe “de modo muito claro a evolução da fecunda carreira do (do “Autor”)”⁷ (ver Anexo 1, “Folder de divulgação nacional”). É de se assinalar: os atributos elevados associados aos “grandes cientistas sociais” e os rebaixados aos “especialistas das universidades brasileiras” é indissociável das posições dos mesmos no campo global e nacional da produção. De todo modo, a barganha na representação tenta contornar a assimetria do âmbito científico e do ensino universitário que tende a reduzir o valor simbólico do trabalho e dos materiais didáticos (Bourdieu, 2003: 260-265). É digna de nota.

A Ática e o “nível superior”

O primeiro empreendimento da Ática dirigido ao “3º grau de ensino” é a “Coleção Ensaio”, cujo projeto consistia em publicar teses universitárias. Para os autores, havia interesse em alargar a quantidade de leitores, espalhando-se dos especialistas aos “interessados em geral”; para a empresa, tratava-se de marcar presença num segmento ainda inexplorado (Paixão, 1996: 230), mas promissor. No quadro mais amplo de edições de “nível universitário”, o caminho havia sido aberto pela “Coleção Os Pensadores”, lançada pela Editora Abril em 1972, e que, à época, alcançou cifras surpreendentes (Pereira, 2005).

Os membros do conselho editorial de “Ensaio” trabalhavam em universidades paulistas como professores e orientadores de teses⁸. O articulador destes professores com a Ática foi José Adolfo de Granville Ponce (1933-2015), coordenador de “Ensaio”. Ele era jornalista, ex-militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e da Aliança Libertadora Nacional (ALN) – cisão liderada por Carlos Marighella (1911-1969), em 1967, com o intuito de resistir ao regime civil-militar por meio da luta armada (Borelli, 1996; Hallewell, 2012: 376)⁹. Em 1978, quando “Ensaio” alcança seu trigésimo volume, a CGCS é lançada (com sete livros). No decorrer da década de 1980, essas coleções continuam a ser publicadas e ensejam outras de “nível universitário” – “Série Princípios”, “Fundamentos” e “Temas”, ainda que de escopo notavelmente reduzido se comparadas a “Ensaio” e a CGCS¹⁰.

7. Qualificação extraída da contracapa do volume 17 (dedicado a Friedrich Engels, preparado por José Paulo Netto); e da contracapa do volume 4 (dedicado a Wolfgang Köhler, preparado por Arno Engelmann).

8. A saber: Azis Simão (1912-1990), Douglas Teixeira Monteiro (1926-1978) e Ruy Galvão de Andrada Coelho (1920-1990) lecionavam sociologia na Universidade de São Paulo (USP); Alfredo Bosi (1936) trabalhava no setor de literatura brasileira da USP; Flávio Vespasiano di Giorgi (1933-2012), da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP); Haquira Osakabe (1939-2008) e Rodolfo Ilari (s/i), do Instituto de Estudos Literários da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp).

9. “Ensaio” estreia em 1974, com a tese de livre-docência da “professora” Walnice Nogueira Galvão, defendida no Departamento Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, dois anos antes, intitulada: *No calor da hora: estudo sobre a representação jornalística da guerra de Canudos – quarta expedição*.

10. Seria possível atinar mesmo para um circuito de movimentação dos acadêmicos envolvidos nesses empreendimentos. Tome-se apenas um exemplo: “Primeiros Passos”, coleção lançada pela Editora Brasiliense, em 1980, contou com a participação de muitos colaboradores da CGCS. Além disso, essas coleções, em diversos tons de intensidade, assumiam o apelo político à esquerda e oposicionista ao regime militar – dimensão que pontilhava a trajetória dos agentes e o conteúdo dos livros, no ritmo da ambígua censura ideológica mesclada ao estímulo à indústria cultural (Maués, 2005; Reimão, 1993; 2010).

11. É possível aventar que quanto mais necessário um “Autor” (dada a posição de clássico), e quanto menos valor conjuntural (Auguste Comte, Émile Durkheim), mais provável que o especialista estivesse movido por interesse econômico. É justamente o caso de Evaristo de Moraes Filho (que faz o volume Comte), para quem a atividade editorial já era uma fonte econômica suplementar. Outro tipo de interesse diria respeito à oportunidade de constituir uma rede de apoio profissional

Seleção negociada, negociadores seletos

Os interesses da editora, do coordenador e dos “especialistas” da CGCS convergem no que tange à conquista da clientela-leitora e divergem ao serem situados em relação a seus pares – na concorrência interna, entre editoras e entre acadêmicos. A ação da editora é irredutível à lógica exclusiva do ganho mercantil, ainda que ela represente o polo econômico do negócio. Em contrapartida, os acadêmicos não estão imunes a ele, ainda que correspondam ao polo cultural do empreendimento (Sapiro & Popa, 2008)¹¹. Importa esquadrihar a dupla face – econômica e simbólica – da atividade, pontilhando a ação do conjunto, caracterizando-os segundo clivagens e interesses conflitantes, assim como as múltiplas trocas – profissionais, interpessoais, afetivas – que o empreendimento coletivo demandou, por vezes como donatários, por outras como beneficiários¹².

Do ponto de vista dos acadêmicos, o interesse mais evidente consiste na oportunidade de vincular sua identidade ao nome de um “Autor”, seja construindo, seja reforçando um vínculo já existente – no caso de “especialistas da universidade” que são também “especialistas em Autor” – esse interesse corresponde a uma característica do espaço, decorrente de sua posição periférica no espaço global das trocas. Por se tratar de uma propriedade definidora da atividade simbólica – a construção de um nome (Bourdieu, 1984: 83) –, para fração expressiva dos cientistas sociais brasileiros ela se confunde com a *associação ao nome de uma sumidade*: numerosos conquistam visibilidade por serem gramscianos, foucaultianos, bourdieusianos (Rodrigues, 2011: 15-45; 2016b). O interesse em preparar um “Autor”-volume é indissociável desta dinâmica, animando frações de agentes do espaço. Portanto, se o autor fosse estrangeiro, era uma oportunidade única de associar-se *nacionalmente* a um (re)nome *internacional*, como também de tentar emplacar uma nova sumidade no mercado. A mixagem – professores universitários com autores estrangeiros – adquire mais valor num mercado em que os consumidores dispõem de boa vontade cultural numa voltagem tão alta quanto suas demandas simbólicas e estão submetidos à inércia da tradicional valorização do estrangeiro como “universal”¹³. Por este motivo, importa caracterizar, senão a trama episódica completa, os vetores que poderiam conduzir cada “especialista” a cada “Autor”¹⁴.

Cultura de professores

“[...] sinto-me realmente obrigado a prestar-lhe contas da incumbência com que o Senhor me honrou. [...], Professor, me seria fundamental a sua crítica: dura e rigorosa, como convém a toda crítica fraterna. Creia que o seu juízo sobre o material enviado à Editora Ática constitui para mim algo de muito importante” (José Paulo Netto, Lisboa, 12.12.1977).

A CGCS seria publicada pela editora Companhia Editora Nacional (CEN), de Octalles Marcondes Ferreira (1899-1972), editor já célebre pela maneira de publicar em coleções (Toledo, 2010), e a parceria daria continuidade a colaborações anteriores¹⁵. Contudo, seu falecimento e a subsequente estatização da editora impossibilitaram a realização dos planos iniciais. Florestan Fernandes era uma das personalidades de maior destaque entre os acadêmicos compulsoriamente aposentados pelo regime civil-militar, em 1969. A perseguição que sofreu foi indissociável da centralidade de seu projeto intelectual inovador e da posição institucional que angariou, entre 1954 e 1969, à frente da cátedra de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP) (Blanco & Jackson, 2014; Pontes, 1998; Arruda, 1995). Esta posição era o culminar de uma ascensão social e profissional, concomitante à montagem meticulosa de uma equipe coesa e dedicada à investigação da passagem da sociedade escravista à sociedade de classes no Brasil (Rodrigues, 2011: 170). Nesses 15 anos, o sociólogo desempenhou duas atividades centrais: ensino e pesquisa – delegando parcialmente a política institucional para alunos com disposições mais afinadas com o tema (Rodrigues, 2011: 172). No período posterior à sua aposentadoria, em que coordena a CGCS, ele não se dedicou a novas pesquisas. Uma súmula de suas atividades elencaria:

a. escritos – ensaios interpretativos sobre a formação histórica do capitalismo no Brasil e na América Latina, análises de conjuntura e de ensaios autobiográficos, em que repetitivamente afirma sua origem de classe modesta e seu compromisso com o socialismo;

b. oral – palestras e atividade didática (no exterior e, durante a reabertura política, na PUC-SP, em que esteve entre os protegidos de Dom Evaristo Arns, e onde trabalhou com outros “especialistas” da CGCS); e

c. atividade editorial na Ática e na Hucitec – imprimindo, em todas elas, a marca da oposição ao regime civil-militar, e lançando-se na disputa por expoente de radicalidade política de modo voraz (Rodrigues, 2016a).

Portanto, estatizada e com vínculos estreitos com o regime, a CEN não comportaria o sociólogo. Para viabilizar a coleção, ele mobilizou sua rede de apoio e a dos colaboradores que tinha começado a reunir e os livros que já estavam em preparação foram adquiridos pela Ática (Hallewell, 2012: 376).

Florestan Fernandes convidava os “especialistas”, ofertando-lhes um “Autor”-volume do qual se ocupariam. O convidado aceitava ou titubeava a respeito do “Autor” encomendado, porém dificilmente declinava¹⁶. O coordenador insistia – de-

nucleada no âmbito editorial, com vistas seja a rendimentos econômicos (alguns tornam-se autores de livros didáticos e paradidáticos de ensino médio), seja à garantia de um canal de publicação (observa-se uma circulação de autores entre as coleções do nível superior: antes, depois ou concomitantemente ao trabalho na CGCS, alguns publicam suas teses na “Coleção Ensaíos”).

12. A correspondência documentou alguns pedidos dos “especialistas”: cartas de recomendação profissional (Leon Pomerantz); auxílio para publicação de artigos (Renato Ortiz); pedido de resenha (Evaristo de Moraes Filho). Não se subestime o encorajamento intelectual, para os “especialistas”, decorrente do peso de “estar com Florestan” (entre outros, José Paulo Netto, Francisco Iglésias). Ademais, as manifestações de afeto e apoio mútuo face aos desmandos do regime militar são constantes, enlaçando os agentes (forte e constante na missiva de Evaristo de Moraes Filho). (Anexo 2, “Dom e contra dom”).

13. A base material disso é histórica, morfológica e política e as referências

bibliográficas são inesgotáveis, envolvendo domínios múltiplos da produção simbólica – e não exclusivamente as ciências sociais. Uma sùmula e uma formulação do problema encontra-se em Schwarcz (1987); outra, em Miceli (2003); e, com o escopo restrito à circulação dos cientistas sociais franceses e americanos, tem-se Peixoto (1989).

14. Encontra-se no “Fundo Florestan Fernandes”, entre as Coleções Especiais da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (Bco-UFSCar), a correspondência trocada entre alguns organizadores dos volumes da CGCS e Florestan Fernandes. Com peso maior do que as citações abaixo permitem supor, este material foi utilizado para vertebrar este trabalho. Conteúdo com auxílio dos pesquisadores Flamarion Maués e Mateus Pereira – aos quais exprimo meu agradecimento, assim como às bibliotecárias da Bco-UFSCar.

15. A primeira publicação idealizada por Florestan Fernandes como recurso didático foi organizada por Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, seus primeiro e segundo assistentes na antiga cadeira

fendendo o “Autor” encomendado ou defendendo a presença do “especialista” (e sugerindo que o convidado escolhesse seu “Autor”). Negociavam, em suma. Há dois episódios documentados que permitem afirmar que os “grandes cientistas sociais” que compõem a coleção não resultam exclusivamente dos critérios de Florestan Fernandes, tampouco da Ática, mas da barganha entre os “especialistas” e o “coordenador”¹⁷. O sociólogo Renato Ortiz foi convidado para cuidar do volume de Frantz Fanon e o historiador Francisco Iglésias para o de Marc Bloch. Ambos declinam os autores encomendados: com o sociólogo, Florestan Fernandes insiste pelo “Autor” (Fanon); com o historiador, teima pela participação de Iglésias. Puderam: o primeiro pertence à disciplina mais próxima da sua; o segundo é um nome consagrado em área vizinha. São as competências específicas dos campos disciplinares orientando a estratégia. Finalmente, depois de aventar cuidar do volume sobre Roger Bastide, Ortiz organiza o volume Pierre Bourdieu; e Iglésias, o volume Caio Prado Jr. Excetuando-se o caso de autores clássicos (Comte, Durkheim, Weber, Marx etc.), cuja presença na coleção seria óbvia, o conteúdo das negociações parece ter variado segundo:

- a. os capitais específicos que subsidiavam o convite: pertencimento disciplinar; domínio da obra e domínio linguístico para “Autores” estrangeiros; proximidade acadêmica – valoriza-se ter estudado no país de origem do “Autor” ou com seus discípulos;
- b. a capacidade do “especialista” convencer o “coordenador” a apostar no “Autor” novidade; e
- c. a posição do “especialista” na disciplina – que o inclina a estreitar os vínculos do seu nome com um clássico ou a construir o seu nome na garupa de uma incerteza.

A negociação do “Autor” implica também “apresentá-lo” ao público. Seria um ledor enganado supor que as introduções sejam meros recursos pedagógicos. Introduzir – o “Autor”, a coletânea – é construir uma posição diferencial: estrangeiro ou brasileiro, trata-se de discutir a presença do “Autor” no Brasil e situá-lo na tradição global da disciplina; destacar os atributos raros que lhe conferem valor e fisionomia inconfundível; estabelecer a urgência de sua incorporação na bibliografia usual, se for novidade; e de “retorno” a ele, se for um clássico. Portanto, autores já conhecidos são introduzidos segundo estratégias distintas daquelas necessárias para fazer valer novos autores (Sapiro & Santoro, 2017; Sapiro & Dumont, 2016; Boschetti, 2014) (Ver Anexo 3). As evidências dessa diferença são numerosas e um modo econômico de apresentá-las consiste na oposição entre a apresentação de autores clássicos, – como Auguste Comte e Max Weber – e autores pouco conhecidos à época da

publicação dos volumes a eles dedicados, como Jürgen Habermas e Pierre Bourdieu (Ortiz, 2013; Bortoluci, Jackson & Pinheiro Filho, 2015). O conteúdo destas “Introduções” é indissociável das posições e das disputas em que estão incrustados os “especialistas” que as elaboram (Blanco, 2006). A natureza pedagógica, didática, facilitadora do acesso aos “Grandes Cientistas Sociais” confere-lhes uma aura de objetividade e generosidade que trabalha em favor da sublimação social daqueles interesses de controle da leitura dos leitores. Por isso, são capazes de inculcar na clientela-leitora as categorias de apreciação e depreciação dos próprios organizadores – exportando, por meio dela, os princípios estruturantes do hermético espaço dos pares (tornando-se adepta ou crítica da classificação e hierarquização que o organizador do volume propõe)¹⁸.

A dupla destituição – econômica e simbólica – da clientela à qual deveu seus sucessos iniciais comandou duradouramente a Ática. Não surpreende que ela se oriente para o ensino superior na mesma toada das conversões de trabalho e valor e dentro do mesmo espírito pedagógico. Como no início do negócio, com as apostilas, “Ensaio” e CGCS, agregam as competências específicas, reorganizam o trabalho material dos professores e, ao reuni-lo(s), produz valor simbólico, então redistribuído para a identidade editora, em vias de acumulação de capital simbólico, e para os leitores/consumidores, ávidos por sua aquisição. Porém, diferentemente das apostilas gratuitas, as duas coleções publicam livros pagos. O valor simbólico delas se deve tanto à dupla natureza do artefato livro (Bourdieu, 1999) quanto à reunião dos capitais específicos dos agentes de sua produção cristalizados no objeto. No caso dos livros de “Ensaio”, a chancela do comitê editorial e os prefácios conferem legitimidade intelectual e política aos autores. No caso de CGCS, estas duas fontes de legitimidade encontram-se no convite de Florestan Fernandes.

Práticas e posições dos cientistas sociais brasileiros (1970-1990)

Delimitar a posição da prática docente/editorial em exame supõe caracterizar seu espaço. Desde meados dos anos 1970, um princípio de segmentação e hierarquização dos agentes e das instituições constitutivas do espaço em questão divide-os em dois polos opostos: docentes de um lado, pesquisadores de outro (Keinert, 2011). Concomitantemente, sobrepõe-se a ela outra oposição, cuja linha fronteira cinge duas modalidades de troca no espaço global. De um lado, aqueles que se apoiam em “grandes sumidades disciplinares”, em geral referidos à Europa; e, de outro, os beneficiários de “financiamento(s) em prol de instituições e projetos de pesquisa de ampla envergadura”, com suporte na liderança da Fundação Ford, e outros agentes filantrópicos (Miceli, 1990: 22). Naquela década ocorreu uma ampliação do espaço

de Sociologia I da USP, e veio a público pela CEN: *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral* inseria-se na “Biblioteca Universitária”, Série 2, Ciências Sociais, v. 5 – com edições em 1961, 1965 e em 1968 (revista) – nos 1970 e 1980, alcançou a 14 edições.

16. O *corpus* de correspondências utilizadas nesta pesquisa não documenta casos em que o convidado tenha declinado do convite.

17. Nas correspondências consultadas, não se encontrou negociação a respeito de excertos de textos, apenas em torno da escolha de autores para os volumes. Também não se encontrou reorientações dos planos em função de sucessos ou fracassos comerciais – embora seja factível supor que testes deste tipo ocorressem.

18. Ver: “O que faz quem introduz”, no Anexo 3; e Tabela 1 do Anexo 1, “O que faz quem introduz”.

das ciências sociais e sua reconfiguração é indissociável do tipo de insumos econômicos que a financiou e de alianças que a viabilizou.

A CGCS é atravessada pela diferenciação e assimetria oriundas das ciências sociais brasileiras no período, pois o novo leque de oportunidades não se abre igualmente a todos os seus praticantes. Eles vão se distribuindo segundo clivagens entre seus recursos e segundo gerações, disciplinas e regiões geográficas. Pelo menos três constelações se delimitam. Em primeiro lugar, as lideranças, gabaritadas intelectualmente e habilidosas no contorno das tensões entre o regime e seus pares de esquerda, além de dotadas de um pesado capital de relações no mundo acadêmico internacional. Eles agenciaram as alianças e negociações com o *staff* burocrático das agências estatais e internacionais, viabilizando a constituição de centros privados e Programas de Pós-Graduação (Garcia, 2008; Canêdo, 2009)¹⁹. Em segundo lugar, a fração mais juvenil, a beneficiar-se dos insumos econômicos e da expansão das instituições, agenciada por aquelas lideranças. São exemplos conspícuos os cientistas políticos Bolívar Lamounier, Simon Schwartzman e Wanderley Guilherme dos Santos (Keinert, 2011). É o conjunto mais desvencilhado do padrão anterior, associado à herança europeia, francesa e catedrática; e mais sintonizado com o feito americano (em equipe, com métodos quantitativos, sem vínculo necessário com docência). Em terceiro lugar, identifica-se a fração de figurões envelhecidos pelo advento do novo perfil de profissionalização dos cientistas sociais, sem alocação nos novos arranjos institucionais – nem como as lideranças, da primeira constelação; tampouco dispondo dos capitais específicos e expertises dos mais jovens, da segunda constelação. O que lhes resta é também o que lhes excede. Em linhas gerais, são dotados de reconhecimento e visibilidade pela aura de radicalidade que a conjuntura do regime militar e suas condutas críticas auxiliaram a construir (de que os dois primeiros grupos, ainda que sejam de esquerda, não dispõem). Possuem, por isso, leitores e clientela cativos tanto no meio universitário quanto no “público mais amplo interessado” – tão convocado pela Ática, pela Abril, pela Brasiliense. Tornam-se, para o conjunto dos praticantes, faróis da referência doutrinário-ideológica e de legitimidade simbólica, ainda que suas alianças profissionais preferenciais, nesse período, oponham-nos às duas primeiras constelações (Rodrigues, 2011: 497). O caso típico é Florestan Fernandes. Trata-se de uma tripla segmentação geracional:

a. os líderes, negociadores e gestores dos centros e dos Programas de Pós-Graduação – poder temporal;

b. os jovens pesquisadores americanizados – competências e expertises; e

19. São os casos de Roberto Cardoso de Oliveira (Museu Nacional/ antropologia); Candido Mendes de Almeida (Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ)/ ciência política); Fernando Henrique Cardoso (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap)/ multidisciplinar).

c. a fração envelhecida – poder espiritual (Bourdieu, 1984).

Enquanto os dois primeiros dividem tarefas do polo científico/pesquisa/produção/ inovação, os últimos situam-se no polo professoral/pedagógico/didático/reprodução, tornam-se mestres. As duas primeiras falam inglês. A CGCS, não²⁰.

Os “Grandes Cientistas Sociais” da coleção reúnem 18 países diferentes (ver. Tabela 2, Anexo 1). Na CGCS, a sociologia é alemã e francesa; a antropologia é britânica e francesa; a psicologia e a política apresentam uma dispersão de nacionalidades; a economia é britânica e polonesa; a geografia é francesa, a história é a única disciplina brasileira²¹. A forte presença alemã e francesa se repõe lendo a referida Tabela 2 (Anexo 1) na vertical: o único país a ter pelo menos um autor em todas as disciplinas é a França, seguida da Alemanha, que não possui autor em antropologia. O baixo índice da integração regional latino-americana é saliente: todos os autores dos países latino-americanos encontram-se na área de política, emparelhando-se com os russos e os do bloco socialista. Esta “disciplina fundamental” é a que apresenta maior dispersão linguística: em 14 volumes, 11 línguas. Trata-se da disciplina menos padronizada na CGCS, sucedida por economia – se considerarmos a regularidade das publicações, e a concentração linguística na fração total dos volumes. Ademais, ambas reúnem autores cuja produção intelectual não foi regrada pelo campo científico, mas pelas vicissitudes da vida política: são dirigentes políticos, líderes revolucionários ou quadros burocráticos de Estado – a saber: Lenin, Engels, Guevara, Trotski, Nabuco, Mariátegui, Deutscher, Stalin, Mao Tse-Tung, Sarmiento, Bolívar, Ho Chi Minh, Proudhon, Fidel Castro (compõem a coleção em política); Keynes, Kalecki, Lange, Malthus, Marx, Furtado, Quesnay, Bukharin (compõem a de economia). Se for correto afirmar que estas áreas apresentam uma heteronomia estruturante, isso não basta para explicar este aspecto do perfil dos autores – que é

Tempo de envelhecer, “professor-estudante”

“Este livro é composto de anotações, que serviram de base para as aulas [...] [na PUC-SP] [...]. Nunca tentara, antes, combinar a necessidade de dar aulas com a vontade de escrever um livro. [...] o professor não passa de um aluno pelo avesso. Os alunos vão e vem; a sua aprendizagem tem um ponto de partida e outro de chegada. Com o professor, tudo é diferente. Permanecemos em aprendizagem contínua. [...] como um permanente aluno mais velho [...] o professor nunca acaba de aprender e quando pensa que já domina um assunto, descobre que deveria começar de novo [...]” Florestan Fernandes. “Nota explicativa”. In: *Natureza sociológica da sociologia*. “Coleção Ensaios”, v. 65, p. 9–12. São Paulo: Ática, 1980.

Cinquenta dos 56 organizadores são identificados como “professores” e/ou com alguma variação semântica que o associe à autoridade pedagógica e à competência didática.

20. Cumpre ressaltar que é comum a expressão de reconhecimento a esta coleção, por parte dos pares. O melhor indicador disso consiste no fato de que dificilmente não suceda aos elogios a reclamação de que “seu Autor” não tenha sido contemplado – num indisfarçável impulso de se integrar à configuração. É o caso de Renato Janine Ribeiro, que afirma o interesse que teria a reedição da CGCS, e em seguida crítica a seleção, pois Thomas Hobbes não tem um volume dedicado a ele (Ribeiro, 1990).

21. Difícil seria se surpreender com isso. As disciplinas de Letras/Literatura, História e Geografia são estreitamente ligadas à constituição do Estado-Nação, é a antiguidade da área que se exprime neste número (Schwarcz, 1989). A densidade da área, acumulada no tempo, confere menos peso a autores estrangeiros, se comparada às áreas vizinhas.

valorizado na coleção: “são reconhecidos, tanto pelo vigor de suas ideias quanto pela prática destacada que tiveram no seu tempo” (*folder* de propaganda). A CGCS é lançada num período conhecido pela americanização de parâmetros do sistema escolar brasileiro, marcados pelos acordos do Ministério da Educação e da Cultura e do United States Agency for International Development (Acordos MEC-Usaid) (Cunha, 2007); e também das ciências sociais (Miceli, 1990; 1993). Como explicar então, considerando que a editora e a CGCS se afirmem em sintonia com a democratização do acesso ao patrimônio intelectual das disciplinas, que seja tão reduzido o número de autores estadunidenses: apenas dois autores – Charles Wright Mills (1916-1962), em sociologia, e Fred Simmons Keller (1899-1996), em psicologia? Menos que cancelar o acesso a um patrimônio irretocável, a coleção está tomando parte na disputa por sua delimitação. Ademais, as “disciplinas fundamentais”, na ponta de lança do processo de americanização aludido, são precisamente economia e política (Keinert, 2011; Forjaz, 1997; Loureiro, 1992). A ausência de língua inglesa e de americanos, assim como a presença de dirigentes políticos, são características que fazem destas disciplinas não apenas as menos padronizadas na coleção, aquelas que estão mais evidentemente *distantes* dos padrões em vias de se tornar predominantes nas respectivas áreas de *pesquisa*; e enalacradas na concorrência. Dito de outro modo, estão distantes do polo tendencialmente dominante, mas não incólumes a ele. Não casualmente, Florestan Fernandes não se cansa de criticar o novo padrão de profissionalização dos seus colegas, seu aburguesamento, além de se opor à presença da Fundação Ford (Rodrigues, 2010). Em suma, as duas disciplinas destacadas exprimem de modo mais nítido a *posição* da CGCS no espaço das ciências sociais brasileiras – nas demais áreas, esta posição é ofuscada pelo pertencimento dos “Autores” às disciplinas, enquanto “clássicos” (ver Tabela 2, Anexo 1).

Os segmentos acima diferenciados possuem distintas clientelas preferenciais. No que diga respeito ao cerne deste artigo, já se assinalou que a expansão do ensino superior, nos anos 1970, atrelou-se ao vertiginoso crescimento do setor terciário, que empregou diplomados em ciências sociais: imprensa, editoras, organizações não governamentais, ensino de segundo grau, agências de pesquisa de mercado, mídia e opinião, serviços de planejamento urbano etc. Ocupações importantes, particularmente para os excluídos do *cursus* da circulação internacional, tornada pré-requisito não formal de ingresso nas novas elites desse espaço (Bonelli, 1995) – e eles tendem a se concentrar nos setores da imprensa e do ramo editorial (Miceli, 1984, 2005; Ridenti, 2011: 112-119; Maués, 2005; Pereira, 2005). Ora, para aquela fração envelhecida, o trabalho nesses espaços consistiu em fonte de suprimento econômico e em modo de manter-se ativo no espaço científico e político. Ademais, esta fração de recém-chegados, excluída do percurso reservado às futuras elites e

aos “interessados em geral”, era mais sensível à mensagem doutrinário-ideológica, politicamente radical. Naquela configuração do espaço, a posição de Florestan Fernandes e a de sua clientela simbólica são homólogas e os efeitos disso são equivalentes aos observados por Pierre Bourdieu, ao analisar o Maio de 1968 francês: uma mútua, irresistível e quase mágica atração que orquestra os *habitus* (Bourdieu, 1984: 149-169).

Os segmentos diferenciados possuem também canais preferenciais distintos de veiculação: o polo docente se dirigiu à Ática, o da pesquisa, à Paz e Terra. A oposição estrutural do espaço das ciências sociais reproduz-se parcialmente entre as editoras, considerando a especificidade desse universo. O contraponto da gênese das duas editoras e dos livros publicados nos anos 1970 o comprovam.

A Paz e Terra foi fundada em 1966 pelos comunistas Ênio Silveira e Moacyr Félix. Em 1972, o empresário Fernando Gasparian, retornando ao Brasil de seu exílio em Londres, comprou-a e diversificou seu investimento, apostando também em periódicos: *Opinião*, *Cadernos de Opinião* e *Argumento*. Na “Coleção Estudos Sociais” dessa editora, publicaram Simon Schwartzman, Wanderley Guilherme dos Santos e Bolívar Lamounier, numa coletânea, acompanhados de Fernando Henrique Cardoso, centro enérgico da constelação dos novos praticantes e amigo do empresário dono da editora desde os anos 1950²². Para além desses exemplos, o típico autor desta coleção é o cientista social americanizado, ex-militante, doutorado e reconvertido nos Estados Unidos, vinculado seja à Comissão Econômica para a América Latina (Cepal); ao Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (de 1976), ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) ou ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj) – emparelhando com historiadores americanos especialistas em Brasil (os “*brazilianists*”): Thomas Skidmore, Joseph Love, Peter Eisenberg, Warren Dean, Kenneth Maxwell – para mencionar os mais célebres. As publicações dirigem-se, como sempre, a “um público interessado em geral”; porém o conteúdo delas atrai preferencialmente pesquisadores e especialistas, posto que sejam trabalhos empíricos resultantes de pesquisas inéditas, recém-concluídas, seja para título universitário ou não. Em síntese, na gênese, é o oposto à tripla conversão da Ática (supracaracterizada); no perfil dos cientistas sociais, nada mais avesso ao estilo didático; no feitio dos livros, nada mais refratário à toada da leitura de “Autores” clássicos. A oposição se completa observando-se o capital econômico inicial e a rede de apoio político e social que viabilizam os negócios (ver Anexo 4). *Grosso modo*, o polo plebeu, didático, reproduzidor, numericamente mais expressivo e internacionalizado às periféricas Europa do Leste e América Latina localiza-se na Ática; o grã-fino, de pesquisa, inovador, mais diminuto numericamente e internacionalizado à americana, na Paz e Terra.

22. Respectivamente: *Tempos de Capanema* (1984); *Kantianas brasileiras* (1984); *Os partidos e as eleições no Brasil* (1975).

Considerações finais

Se a análise apresentada tem algo a dizer, talvez se deva a três apostas metodológicas pouco usuais. Em primeiro lugar, adotar um objeto rebaixado (Mollier, 2016). Esta escolha é rara entre pesquisadores brasileiros interessados na investigação do campo científico. Eles são mais inclinados a eleger casos de figura para reconstituição do conjunto das relações conflitivas entre os dominantes, além de isolarem preferencialmente uma disciplina em detrimento do conjunto delas. A posição inferior do livro didático obriga atentar para o perfil do público das ciências sociais, dimensão decisiva no todo, mas que pode ser ignorada por pesquisas que não atinem para as assimetrias do conjunto.

Em segundo lugar, articular o modelo centro-periferia das trocas linguísticas no sistema-mundo (De Swaan, 1993; Heilbron, 1999), a abordagem da “teoria dos campos” em perspectiva global (Sapiro, 2013, 2008; Bourdieu, 2002 b) e a noção de “mercado de bens simbólicos” (Bourdieu, 2003). A fatura da CGCS torna-se inteligível não apenas à luz de lances de mercado editorial, como sugeriria uma análise que não distinguisse motores especificamente culturais do empreendimento, e considerasse apenas a expansão numérica da população escolarizada (Aurelio, 2014). Ao contrário, é a composição do capital – econômico e cultural – desta população que esteve no coração da análise.

Por fim, uma terceira aposta consistiu em deixar momentaneamente em suspenso uma questão importante nas análises do campo científico: seu gradiente de autonomia. Em detrimento da busca mecânica por polos autônomos e heterônomos, que visa à aplicação de modelos explicativos, preferiu-se buscar princípios de segmentação do próprio espaço. O que se encontrou foi algo similar a outras experiências de reconfiguração e redistribuição dos agentes (Heilbron, 1991): os dois polos (docência/pesquisa) conferiram mais inteligibilidade à CGCS do que a dupla posição autonomia/heteronomia.

O propósito de “apresenta[r] os autores modernos e contemporâneos de maior destaque mundial” evidencia a localização da “Coleção Grandes Cientistas Sociais” numa posição duplamente periférica. Do ângulo do campo global, a grandeza “mundial” dos “autores” é dada pela métrica particular do campo nacional dominado – o que se evidencia pela quantidade reduzida de autores de sua própria língua. Em contrapartida, do ângulo das estruturas deste campo nacional, ela também ocupa uma posição inferior na hierarquia, posto que esteja no polo didático de um sistema que coloca no topo o da pesquisa. E, no entanto, é duplamente central, posto que o público atendido e satisfeito por ela corresponde à morfologia da clientela estu-

dantil e consumidora de ciências sociais, cujo ingresso massivo no sistema de ensino superior tem efeitos em todos os níveis (Bourdieu, 1984). A segmentação principal do espaço das práticas (ensino/pesquisa; reprodução/criação) e o valor dos capitais pressupostos no exercício delas (conforme a morfologia social dos praticantes) reveste-se de conteúdos simbólicos nobilitadores dos dominados e legitimadores dos dominantes seguindo critérios múltiplos – geopolíticos (Europa/América Latina/Oriente x Estados Unidos); doutrinários (esquerda convertida x radical); profissionais (“novo” alto clero x baixo clero). As tomadas de posição subversivas que conferiram identidade às coleções didáticas de nível superior da Ática tornam-se inteligíveis à luz da posição profissional objetiva dos envolvidos em sua concepção, homóloga à de sua clientela no espaço social mais amplo (Bourdieu, 2007: 412-434).

Por tudo o que foi demonstrado acima, a “Coleção Grandes Cientistas Sociais” cristaliza a dupla centralidade dos professores no espaço das ciências sociais e seu cosmopolitismo duplamente periférico.

Referências

ABBOTT, A. Le chaos des disciplines. In: BOUTIER, J. *et alii*. *Qu'est-ce qu'une discipline?* Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess), 2006.

ARRUDA, M. A. N. *A embalagem do sistema*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2015.

———. A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “Escola paulista”. In: MICELI, S. (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*, v. 2. São Paulo: Sumaré, 1995.

AURÉLIO, D. *Bibliografia básica: a “Coleção Grandes Cientistas Sociais” e a relação entre o mercado editorial e a expansão do ensino superior brasileiro nas décadas de 1970 e 1980*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2014.

BLANCO, A. *Razón y modernidad. Gino Germani y la sociología en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2006.

BLANCO, A.; JACKSON, L. C. *Sociologia no espelho*. São Paulo: Editora 34, 2014.

BOLTANSKI, L. Note sur les échanges philosophiques internationaux. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 5, 1975.

———. L'espace positionnel: multiplicité des positions institutionnelles et *habitus* de classe. *Revue Française de Sociologie*, v. 14, n. 1, 1973.

- BONELLI, M. G. No mundo das ciências sociais. In: MICELI, S. (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*, v. 2. São Paulo: Sumaré, 1995.
- BORELLI, S. H. S. Editora Ática: padrão de mercado, modelo de qualidade? In: BORELLI, S. H. S. *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: EdUSC; Fapesp, 1996.
- BORTOLUCI, J. H.; JACKSON, L. C.; PINHEIRO FILHO, F. Contemporâneo clássico: a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 94, 2015.
- BOSCHETTI, A. Ismes. *Du réalisme au postmodernisme*. Paris: CNRS Éditions, 2014.
- . *L'espace culturel transnational*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2010.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- . *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo; Porto Alegre: Edusp; Zouk, 2007.
- . Sistemas de ensino e sistemas de pensamento. In: BOURDIEU, P. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- . Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. *Escritos de educação*. São Paulo: Vozes, 2002a.
- . Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 145, 2002b.
- . Une révolution conservatrice dans l'édition. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 126-127, 1999.
- . Un acte désintéressé est-il possible? [1988], In: *Raisons pratiques. Sur la théorie de l'action*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.
- . *Homo Academicus*. Paris: Minuit, 1984.
- . La production de la croyance: contribution à une économie des biens symboliques. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 13, 1977.
- BURKE, P.; HSIA, P. C. (Orgs.). *A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- CANÊDO, L. B. Les boursiers de la Fondation Ford et la récomposition des sciences sociales brésiliennes: le cas de la science politique. *Cahiers de la Recherche sur l'Éducation et les Savoirs*, v. 2, 2009.

———. Herança na política ou como adquirir disposições e competências necessárias às funções de representação política (1945-1964). *Pro-Posições*, v. 13, 2002.

CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHARLE, C. L'habitus scolastique et ses effets. À propos des classifications littéraires et historiques. In. CLÉMENT, F. *et alii*. *L'inconscient académique*. Zurich: Seismo, 2006.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UnB, 1999.

CUNHA, L. A. *A universidade reformada*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

DE SWAAN, A. The emergent world language system. *International Political Science Review*, v. 14, 1993.

FERNANDES, F. Nota explicativa. In. FERNANDES, F. *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.

FORJAZ, Maria Cecília S. A emergência da ciência política no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 35, 1997.

GARCIA, A. Elite's recomposition and state-building in contemporary Brazil (1920-1964). *Historical Social Research*, v. 33, n. 2, 2008.

———. Circulation internationale et formation d'une "école de pensée" latino-américaine (1945-200). *Social Science Information*, v. 44, p. 521, 2005. Disponível em: <<http://ssi.sagepub.com/content/44/2-3/521>>.

———. A dependência da política: Fernando Henrique Cardoso e a sociologia no Brasil. *Tempo Social*, v. 16, n. 1, p. 297, 2004.

GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GINGRAS, Y. Les formes spécifiques de l'internationalité du champ scientifique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 141, 2002.

HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 2012.

HEILBRON, J. Qu'est-ce qu'une tradition nationale en sciences sociales?. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n. 18, 2008

———. A regime of disciplines. Toward a historical sociology of disciplinary knowledge. In: CAMIC, C.; JOAS, H. *The dialogical turn. Roles for sociology in the post disciplinary age*. Lanham (MD): Rowman and Littlefield, 2003.

———. Towards a sociology of translation: book translations as a cultural world-system. *European Journal of Social Theory*, v. 2, n. 4, 1999.

———. Pionniers par défaut ? Les débuts de la recherche au Centre d'études sociologiques (1946-1960). *Revue Française de Sociologie*, v. 32, n. 3, 1991.

HEILBRON, J. *et alii*. Internationalisation des sciences sociales: les leçons d'une histoire transnationale. In: SAPIRO, G. (Org.). *L'espace intellectuel en Europe*. Paris: La Découverte, 2009.

HEILBRON, J.; BOKOBZA. Transgresser les frontières en sciences humaines et sociales en France. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 210, 2015.

IGLÉSIAS, F. Correspondência de Francisco Iglesias para Florestan Fernandes. Belo Horizonte, 30 Ago. 1977.

KEINERT, F. *Cientistas sociais, entre ciência e política (Brasil, 1968-1985)*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2011.

LAMARÃO, S. Fernando Gasparian. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*. CPDOC, 2011. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/fernando-gasparian>>. Consultado em: 12 Dez. 2016.

LOUREIRO, M. R. Economistas e elites dirigentes no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Ano VII, n. 20, 1992.

MAUÉS, F. O momento oportuno: Kairós, uma editora de oposição. *História*, v. 25, n. 2, 2006.

———. Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio: livros de oposição no regime militar, um estudo de caso. *Em Questão*, v. 11, n. 2, Jul./Dez. 2005.

MAUÉS, F. *et alii*. Alfa-Omega: o pensamento crítico em livro. *Intercom-RBCC*, v. 38, n. 1, Jan./Jun. 2015.

MICELI, S. Entre no ar em Belíndia – A indústria cultural hoje. In: MICELI, S. (Org.). *A noite da madrinha e outros ensaios sobre o éter nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

———. *Nacional estrangeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

——— (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*, v. 2. São Paulo: Sumaré, 1995.

———. *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Sumaré; Fapesp, 1993.

———. *A desilusão americana: relações acadêmicas entre Brasil e Estados Unidos*. São Paulo: Sumaré, 1990.

——— (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989.

———. Teoria e prática da política cultural oficial no Brasil. In: MICELI, S. (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.

MOLLIER, J.-Y. Naissance et mutations d'un marché éditorial: les manuels du supérieur. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, n. 29, 2016.

MORAES FILHO, E. Correspondência de Evaristo de Moraes Filho para Florestan Fernandes. Rio de Janeiro, 26 Abr. 1975; cartão de natal enviado a Florestan Fernandes, s/d; cartão de natal enviado a Florestan Fernandes, 19 Dez. 1983.

NETTO, J. P. Correspondência de José Paulo Netto para Florestan Fernandes. Lisboa, 12 Dez. 1977.

NAPOLITANO, M. *Coração civil: arte, resistência e lutas culturais durante o regime militar brasileiro*. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2011.

NOVAIS, F.; CARDOSO DE MELLO, J. M. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil*, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ORTIZ, R. Notas sobre a recepção de Pierre Bourdieu no Brasil. *Sociologia & Antropologia*, v. 3, 2013.

———. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

———. Correspondência de Renato Ortiz para Florestan Fernandes. 08 Nov. 1977; 16 Fev. 1978; 01 Maio 1978.

PAIXÃO, F. Editora Ática: uma editora para a modernidade. In: MIRA, M. (Coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

PEIXOTO, F. Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960). In: MICELI, S. (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice, 1989.

PEREIRA, M. H. F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). *Em Questão*, v. 11, n. 2, Jul./Dez. 2005.

PINTO, L. (Re)traductions (Phénoménologie et “philosophie allemande” dans les années 1930). *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 45, 2002.

POMERANTZ, L. Correspondência de Leon Pomerantz para Florestan Fernandes. Buenos Aires, 11 Abr. 1986.

PONTES, H. *Destinos mistos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

———. Brasil com Z: a produção estrangeira sobre o país, editada aqui sob a forma de livro, entre 1930 e 1988. In: MICELI, S. (Org.). *História das ciências sociais no Brasil*, v. 2. São Paulo: Sumaré, 1995.

REIMÃO, S. Ditadura militar e censura a livros: Brasil (1964-1985). In: BRAGANÇA, A. (Org.). *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

———. Brasil, anos 70: mercado editorial e literatura ficcional brasileira. *Comunicação e Sociedade*. São Paulo, Ano XI, n. 20, 1993.

RIBEIRO, R. J. O que precisaria ser reeditado. *Folha de S. Paulo*, 03 Nov. 1990.

RIDENTI, M. *Brasilidade revolucionária*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

———. Ação Popular: cristianismo e marxismo. In: REIS FILHO, D. A.; RIDENTI, M. (Orgs.). *História do marxismo no Brasil*, v. 5, “Partidos e organizações dos anos 20 aos 60”. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2002.

———. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

RODRIGUES, L. S. Marx em três tempos de Florestan. *Dois Pontos*, v. 13, n. 1, 2016a.

———. O que um hit-parede tem a dizer. *Anais do X Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política*, 2016b. Disponível: <www.encontroabcp2016.cienciapolitica.org.br/site/anaiscomplementares?AREA=24&impressao>. Consultado em: 18 Jan. 2017.

———. Leitores e leituras acadêmicas de Karl Marx (São Paulo, 1958-1964). *Intelligere*, n. 1, 2016c.

———. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2011.

———. *Florestan Fernandes: interlúdio*. São Paulo: Hucitec, 2010.

ROLLEMBERG, M. C. Um circo de letras: a Editora Brasiliense no contexto sócio-cultural dos anos 80. *Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, Natal (RN), 02 a 06 Set. 2008.

SAPIRO, G. Quoi de neuf après la French Theory? Les traductions sur le marché du livre académique aux États-Unis. In: SAPIRO, G. (Dir.). *Sciences humaines en traduction. Les livres aux États-Unis, au Royaume-Uni et en Argentine*. Paris: Institut français, 2014.

———. Le champ, est-il national? *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 200, 2013.

———. Translation and the field of publishing. A commentary on Pierre Bourdieu's "A conservative revolution in publishing". *Translation studies*, v. 1, 2008.

———. Le savant et le littéraire. In: HEILBRON, J. et alii (Dir.). *Pour une histoire des sciences sociales*. Paris: Fayard, 2004.

SAPIRO, G.; POPA, I. Traduire les sciences humaines et sociales: logiques éditoriales et enjeux scientifiques. In: SAPIRO, G. *Translatio. Le marché et la traduction en France à l'heure de la mondialisation*. Paris: CNRS Éditions, 2008.

SAPIRO, G.; DUMONT, L. La diffusion internationale du structuralisme: entre appropriation et rejet. In: BERT, J. F.; LAMY, J. *Résonances des structuralismes*. Paris : Éditions des Archives Contemporaines, 2016.

SAPIRO, G.; SANTORO, M. On the social life of ideas and the persistence of the author in the social and human sciences. *Sociologica. Italian Journal of Sociology on line*, n. 1, 2017.

SCHWARCZ, L. K. *Os guardiões da nossa história oficial*. São Paulo: Idesp, 1989.

———. Nacional por subtração. In: SCHWARCZ, L. K.. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SANTOS, W. G. dos. Entrevista de Wanderley Guilherme dos Santos. Projeto CPDOC – Memória das Ciências Sociais, 2011a. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/wanderleyguilhermedossantos>>. Consultado em: 18 Jan. 2017.

———. *Entrevista de Wanderley Guilherme dos Santos*. Projeto CPDOC – Memória das Ciências Sociais 2011b. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/wanderleyguilhermedossantos>>. Consultado em: 18 Jan. 2017.

SORÁ, G. *et alii*. Une périphérie centrale. Traduction et édition en Argentine. In: SAPIRO, G. (Dir.). *Sciences Humaines en traduction. Les livres aux États-Unis, au Royaume-Uni et en Argentine*. Paris: Institut Français, 2014.

SOUZA, P. A Reforma Universitária Brasileira de 1968 e a expansão do ensino superior federal brasileiro. *Caderno de História da Educação*, n. 7, 2008.

TOLEDO, M. R. A. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções. In: BRAGANÇA, A. (Org.). *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

WALLERSTEIN, I. *Comprendre le monde*. Paris: La Découverte, 2009.

Capa, contracapa,
paratexto (v. 34)



Paratexto da contracapa (v. 34) – “SIMMEL Georg Simmel (1858-1918) construiu [...] um renome *internacional*. Os seus primeiros ensaios foram traduzidos e publicados diretamente nos *melhores* periódicos franceses e americanos de sociologia e filosofia. Viveu o período mais *exuberante* do novo pensamento alemão, com o neokantismo à frente, no qual pontificaram Dilthey, Windelband, Rickert, Tönnies, Troeltsch e Weber, de quem foi amigo pessoal e a quem influenciou. *De grande brilho intelectual*, [...], com grande divulgação e aceitação nas atuais correntes sociológicas americanas” (grifos nossos).



Paratexto do *folder* – “A Coleção Grandes Cientistas Sociais permite aos *estudantes universitários, professores* e ao público interessado entrar em contato com os *autores de importância fundamental* no desenvolvimento da sociologia, história, economia, psicologia, política e antropologia. Cada volume apresenta uma introdução crítica e biobibliográfica – *de cunho didático e assinada por um especialista da universidade brasileira* – seguida de uma seleção de textos que fornece uma *visão global* da obra do autor. Os *nomes* focalizados na coleção representam *momentos decisivos das ciências sociais* e são reconhecidos, *tanto pelo vigor de suas ideias quanto pela prática destacada que tiveram no seu tempo, como os maiores intérpretes* das transformações da sociedade. Sob a coordenação do *Professor Florestan Fernandes*, os *livros* da Grandes Cientistas Sociais se distinguem *pelo rigor e pela seriedade com que são preparados*. Constituem pois, *fonte de leitura indispensável para todos aqueles que desejam compreender nossa época*” (grifos nossos).

TABELA 1.
O QUE FAZ QUEM INTRODUZ?

"Autor"/volume	"Especialista"	Título da introdução	Princípios indutores*
Lucien Febvre, v. 2	Carlos Guilherme Mota	"Uma trajetória: Lucien Febvre"	a
Leopold Von Ranke, v. 8	Sérgio Buarque de Holanda	"O atual e o inatual em L. von Ranke"	d
Friedrich Engels, v. 17	José Paulo Netto	"F. Engels: subsídios para uma aproximação"	-
Gyorgy Lukács, v. 20	José Paulo Netto	"Lukács – Tempo e modo"	-
Nabuco, v. 23	Paula Beiguelman	"Joaquim Nabuco: teoria e práxis"	b
Thomas Robert Malthus, v. 24	Tamás Szmrecsányi	"A importância de Malthus na história do pensamento econômico"	a
Caio Prado Jr., v. 26	Francisco Iglésias	"Um historiador revolucionário"	a
José Carlos Mariátegui, v. 27	Manoel L. Bellotto, Anna Maria Martinez Corrêa	"Mariátegui: gênese de um pensamento latino-americano"	a,b
Isaac Deutscher, v. 28	Juarez Brandão Lopes	"Isaac Deutscher, militante e 'scholar'"	b
Joseph Stálin, v. 29	José Paulo Netto	"Stalin: Elementos para uma aproximação crítica".	b
Mao Tse-tung, v. 30	Eder Sader	"A cultura de uma revolução"	b
Karl Marx, v. 31	Paul Singer	"Karl Marx, como pensador econômico"	a
Melanie Klein, v. 32	Fábio A. Herrmann, Amazonas Alves Lima	"O pensamento Kleiniano: uma introdução crítica"	
Georg Simmel, v. 34	Evaristo de Moraes Filho	"Formalismo sociológico e teoria do conflito"	a
Domingos Faustino Sarmiento, v. 35	León Pomer	"Sarmiento ou a invenção de uma pátria"	b
Roger Bastide, v. 37	Maria Isaura Pereira de Queiroz	"Nostalgia do outro e do alhures: a obra sociológica de Roger Bastide"	b
Edmund Ronald Leach, v. 38	Roberto Da Matta	"Repensando E. R. Leach"	d
Pierre Bourdieu, v. 39	Renato Ortiz	"A procura de uma sociologia da prática"	a
Simón Bolívar, v. 40	Manoel Lelo Bellotto, Anna Maria Martinez Corrêa	"Bolívar e a luta pela independência da América: ação e pensamento político"	b
Fred Simmons Keller, v. 41	Rachel Rodrigues Kerbauy	"Keller: o cientista ensina"	b
Ho Chi Minh, v. 42	Marta Elena Alvarez	"Os caminhos da montanha ou a revolução na alma do povo"	b
François Quesnay, v. 44	Rolf Kuntz	"François Quesnay e a fundação da economia moderna"	a
Euclides da Cunha, v. 45	Walnice Nogueira Galvão	"Euclides, elite modernizadora e enquadramento"	b
Maximilian Joseph Sorre, v. 46	Januário Francisco Megale	"A geografia torna-se uma ciência social"	a
Nicos Poulantzas, v. 47	Paulo Silveira	"Poulantzas e o marxismo"	a
Dieter Prokop, v. 53	Ciro Marcondes Filho	"A análise do produto cultural"	c
Theodor W. Adorno, v. 54	Gabriel Cohn	"Adorno e a teoria crítica da sociedade"	a, c
Pierre-Joseph Proudhon, v. 56	Paulo Edgar A. Resende, Edson Passetti	"Proudhon: aqui começa o anarquismo"	a
Fidel Castro, v. 57	Emir Sader	"A trajetória de um assalto ao céu"	b

* Notações: (a) situa numa tradição/classificação (global, nacional, disciplinar, ou política); (b) destaca os atributos raros que lhe conferem valor e fisionomia inconfundível; (c) estabelece os termos do "retorno" ao autor, se for um clássico disciplinar; ou da necessidade dele, se não for um nome indiscutivelmente clássico para os padrões do meio. As introduções sem título não constam da tabela.

TABELA 2
 PAÍSES DE NASCIMENTO DOS “GRANDES CIENTISTAS SOCIAIS”
 DAS SETE “DISCIPLINAS FUNDAMENTAIS”

	Brasil	Alemanha	França	Grécia (FR)	Itália	Hungria	Estados Unidos	Grã-Bretanha	Áustria	Rússia	Estônia	Polónia	China	Vietnã	Cuba	Venezuela	Argentina	Peru	Total
Sociologia	1	7	4	1	2	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	18
Política	1	1	1	-	-	-	-	-	-	3	-	1	1	1	1	1	2	1	14
Economia	1	1	1	-	-	-	-	2	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	8
História	4	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
Antropologia	-	-	2	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	5
Psicologia	-	1	1	-	-	-	1	-	1	1	*	-	-	-	-	-	-	-	5
Geografia	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Total	7	13	12	1	2	2	2	4	1	5	*	4	1	1	1	1	2	1	60

Anexo 2

Dom e contra dom

“Querido Florestan. Suas mensagens são sempre animadoras, de verdadeiro *amigo*. Não me esqueço nunca que, a 1º de setembro de 1969, 2ª feira, foi v. *dos primeiros* a me telefonar, quando da minha aposentadoria. Os canalhas [...] *nos feriram e prejudicaram financeira e culturalmente* (grifos nossos).

Evaristo de Moraes Filho.

Cartão de natal enviado a Florestan Fernandes, 19.12.1983.

“Em separado, estou-lhe enviando o meu *Medo à utopia*. Leia e goste, e, se possível diga pela *Folha*. V. conhece o silêncio da nossa pobre crítica”.

Evaristo de Moraes Filho.

Cartão de natal enviado a Florestan Fernandes, s/d.

“Caro Florestan Fernandes. Estou lhe enviando um trabalho para publicação na revista *Contexto*. Achei que o tema podia lhes interessar [...]. *Você faz parte do conselho editorial, não?*” (grifos nossos).

Correspondência de Renato Ortiz.

Belo Horizonte, 01.05.1978.

Como produzir o leitor para um autor

Clássicos, falecidos:
algumas estratégias

Convencer o leitor que o clássico vale a pena

“Muito lhe agradeço o convite para colaborar na coleção [...]. Desde já, fico com Comte, pretendendo *apresentá-lo mais apetitoso e atual aos jovens de hoje*. Há alguns textos nele bem interessantes, sem o costumeiro ranço dos seus áulicos” (grifos nossos).

Correspondência de Evaristo de Moraes Filho.

Rio de Janeiro, 22.11.1972.

O clássico incorporado pelos agentes basta a si próprio

WEBER – A *importância* de Max Weber (1864-1920) para o desenvolvimento das ciências sociais é *imensa*. As contribuições weberianas se estendem por todas as áreas das ciências sociais, com exceção da Antropologia. A Sociologia o reconhece como um dos seus mestres máximos, e *quase não há trabalho sociológico em que a presença de suas ideias não se faça sentir, explícita ou implicitamente* (e não raro a contragosto dos próprios autores). A presença muito forte de Weber no pensamento sociológico latino-americano foi facilitada pelo empreendimento pioneiro da edição mexicana de sua obra máxima, *Economia e sociedade*, já em 1944 (a edição integral norte-americana é de 1968, e a francesa se faz neste momento). Apontar a presença de Weber no Brasil *equivale praticamente a arrolar os principais autores e muitos dos trabalhos mais importantes publicado entre nós, ainda que raros entre eles se definam como “weberianos”* (grifos nossos).

Texto da contracapa do volume 13, Weber.

Contemporâneos, vivos: estratégias de introdução

*Uma escola, uma tradição, muitos interlocutores:
os bilhetes de ingresso para um autor “novidade”*

HABERMAS pode ser considerado o último representante da *Escola de Frankfurt*, com a morte de *Adorno, Horkheimer e Marcuse*. Não se limita, contudo, a *continuar a tradição* da teoria crítica. Influenciado pelo *pensamento anglo-saxônico bem como pelas grandes correntes da filosofia alemã*, tenta estabelecer uma ponte entre esses dois mundos aparentemente incomunicáveis. Assim, continuou a *crítica ao positivismo*, iniciada pelos *frankfurtianos*, através de uma leitura imanente dos *principais autores anglo-saxônicos*. Da mesma forma, prosseguiu a crítica da cultura. Mas em vez de limitar-se à denúncia à unidimensionalização e à indústria cultural, Habermas tentou inserir essa crítica no contexto mais geral de uma teoria do capitalismo tardio. A seleção de textos, ao mesmo tempo que elucida o pensamento de autores como *H. Arendt, Scholem, Adorno, Marcuse, Bloch e Benjamin*, situa-se *em relação a eles, num movimento reflexo pelo qual a temática habermasiana ilumina a reflexão desses pensadores, e estes, por sua vez, põem em evidência o pensamento de Habermas* (grifos nossos).

Texto da contracapa do volume 15, Habermas.

*Convencer o coordenador
de que o autor “novidade” vale a pena*

“A ideia de fazer uma coletânea sobre Fanon me parece interessante. Entretanto ela me coloca certos problemas. Primeiro *conheço muito pouco a obra de Fanon*, segundo praticamente *não tenho acesso a nenhum de seus textos*. Fica assim difícil responder de imediato se aceito ou não uma incumbência dessas. [...] Gostaria, entretanto, de colaborar com vocês, o que está faltando é um nome e a possibilidade de acesso à obra do autor. Não descarto absolutamente a possibilidade de trabalhar sobre Fanon, gostaria, entretanto, de obter novos elementos para poder me posicionar melhor face ao problema” (grifos nossos).

Correspondência de Renato Ortiz.

Belo Horizonte, 08.11.1977.

“A meu ver ele [Pierre Bourdieu] é mais importante que o de Georges Balandier (num certo sentido é claro), cuja obra tem sido traduzida em português de forma mais sistematizada. Por outro lado, a posição teórica de Bourdieu *é mais profunda*,

e creio mais atual. *Conheço “razoavelmente” seus trabalhos* mais importantes, *já fui aluno de Passeron*, com quem ele escreveu vários livros. Que eu saiba *existe de Bourdieu somente duas obras traduzidas*: “A reprodução”, “Economia das trocas simbólicas” (coletânea de artigos). Eu poderia, portanto, me ocupar deste autor. Caso minha proposta seja aceita, peço-lhe para me explicar melhor como se realizaria o trabalho para a coletânea: introdução e tradução dos textos. Poderei começar o trabalho de imediato. Por causa de sua insistência, andei lendo Fanon durante as férias. Gostaria de obter novos livros, mas você tem razão quando fala que seria importante abordar o problema da antropologia e da colonização. Por que não fazer uma coletânea sobre este tema? (grifos nossos).

Correspondência de Renato Ortiz.

Belo Horizonte, 16.02.1978.

*Uma posição e seu valor:
o bilhete de ingresso para um autor “novidade”*

BOURDIEU – Autor de uma vasta obra que se tornou conhecida no Brasil basicamente através de seus estudos sobre a educação, P. Bourdieu (1930-) *desfruta hoje uma posição privilegiada na sociologia francesa*. De maneira *arguta e fecunda* combina uma formação antropológica e sociológica, que se inicia com seus primeiros estudos sobre a Argélia e se estende até a seus últimos trabalhos sobre o campo cultural. Neste volume os textos selecionados sublinham aspectos teóricos de uma sociologia que *busca superar os impasses* entre o objetivismo e o subjetivismo. Pode-se perceber como o autor desenvolve uma teoria que lhe é própria e como procura aplicá-la à compreensão de uma realidade que é múltipla, como o campo científico, o gosto, a língua (grifos nossos).

Texto da contracapa do volume 39, Bourdieu.

Um ramo, dois negócios

Paz e Terra:

um perfil multiposicional de acumulação de capitais
(político, social, político) (Boltanski, 1973)

Fernando Gasparian (São Paulo, 1930-2006), filho de industrial com ascendência armênia, estudou Engenharia na Universidade Mackenzie (1948-1952), presidiu o centro acadêmico e a União Estadual do Estudantes. Trabalhou em empresas do setor têxtil e alimentos de sua família, filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro e se aproximou dos jornalistas do *Jornal de Debates*; engajou-se na campanha “O petróleo é nosso” – na qual, Leônidas Cardoso, pai de Fernando Henrique, também se envolveu. Foi presidente do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo e da diretoria da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. Não se inseriu no rearranjo dos quadros burocráticos operado pelos militares a partir de 1964, foi um dos fundadores do Movimento Democrático Brasileiro. Exilou-se em Nova Iorque e Londres – alocando-se, por meio do auxílio da constelação de intelectuais com contatos internacionais entre os quais tinha larga circulação, respectivamente, no Centro de Estudos Internacionais e no St. Anthony’s College (de Oxford). Em seu retorno ao país, assumiu a Paz e Terra e tornou-se diretor da Sociedade Interamericana de Imprensa. Teve problemas com censura; filiou-se ao PMDB, em 1979. Em 1986, elegeu-se deputado constituinte, e tornou-se relator da Subcomissão do Sistema Financeiro, da Comissão do Sistema Tributário, Orçamento e Finanças. Durante a primeira Presidência de Fernando Henrique Cardoso fez crítica aos juros altos. Foi membro curador do memorial da América Latina e reintegrou-se à Fiesp (Lamarão, 2011).

Ática:

conversões genéticas estruturantes

O “professor” Reinaldo Mathias Ferreira Ferreira (s/i, Paraná), autor de *Estudo dirigido de português*, primeiro livro de sucesso da Ática, veio a São Paulo para oferecer os originais de seu livro, preparado a partir de suas aulas, à Ática. Foi recebido pelo então gerente da empresa, Adalberto Souto. A equipe da editora apreciou o “estudo dirigido” positivamente, sobretudo contrastando-o com os concorrentes, “chegava

a ser revolucionário” – isto é, era moderno e afinado com o princípio que animava a Ática, a “comunicação mais direta e informal” entre professores e alunos, entendida como sinônimo de “modernidade”. Mathias tornou-se um autor bem-sucedido de livros didáticos (vendeu cerca de 18 milhões de livros) (Paixão, 1996: 216).

